

QUILOMBO DA CAVEIRA ESTÁ ON: MATERIAL PEDAGÓGICO E ACERVO PÚBLICO DISPONÍVEIS NO WEBSITE

Juliana Pacheco de Oliveira¹

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro - Brasil.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a criação do website "Quilombo da Caveira" como uma ferramenta pedagógica para a Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, localizada no Quilombo da Caveira, em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro. Além de servir como recurso pedagógico, o site funciona como um acervo público para a comunidade, buscando dar visibilidade ao protagonismo negro e quilombola de Caveira. O projeto é resultado de pesquisa realizada entre 2021 e 2024 no mestrado em Ensino de História da Universidade Federal Fluminense, onde fui a campo e produzi uma metodologia de ensino de Educação Escolar Quilombola e Antirracista para a escola. Dessa forma, possibilitando articular as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira junto à sala de aula, como forma de contribuir para o aumento da autoestima dos alunos e empoderamento de sua história. O resultado foi a mudança nos planejamentos das professoras, que hoje buscam contextualizar suas aulas e nos alunos e alunas, que demonstram um (re)conhecimento identitário.

Palavras-chave: Website; Educação Escolar Quilombola; Educação Antirracista.

QUILOMBO DA CAVEIRA IS ON: EDUCATIONAL MATERIAL AND PUBLIC COLLECTION AVAILABLE ON THE WEBSITE

ABSTRACT

This article aims to present the creation of the website "Quilombo da Caveira" as a pedagogical tool for the Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, located in Quilombo da Caveira, in São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro. In addition to serving as an educational resource, the website functions as a public collection for the community, seeking to give visibility to the black and quilombola protagonism of Caveira. The project is the result of research carried out between 2021 and 2024 in the master's degree in History Teaching at the Universidade Federal Fluminense, where I went into the field and

¹ Mestra em Ensino de História pela Universidade Federal Fluminense, Coordenadora de Educação Escolar Quilombola e Antirracista (Semed – São Pedro da Aldeia), Dinamizadora de Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, africanas e indígena (Seme - Cabo Frio), Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3444-8086>, email: jupacheco@id.uff.br.

produced a teaching methodology for Quilombola and Anti-Racist School Education for the school. In this way, making it possible to articulate the oral narratives of the elders of the Caveira community in the classroom, as a way of contributing to increasing students' self-esteem and taking ownership of their story. The result was a change in the teachers' plans, who today seek to contextualize their classes and the students, who demonstrate identity (re)knowledge.

Keywords: Website; Quilombola School Education; Anti-Racist Education.

QUILOMBO DA CAVEIRA ESTÁ EN: MATERIAL EDUCATIVO Y COLECCIÓN PÚBLICA DISPONIBLE EN EL SITIO WEB

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar la creación del sitio web "Quilombo da Caveira" como herramienta pedagógica para la Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, ubicada en Quilombo da Caveira, en São Pedro da Aldeia, Río de Janeiro. Además de servir como recurso educativo, el sitio funciona como una colección pública para la comunidad, buscando dar visibilidad al protagonismo negro y quilombola de Caveira. El proyecto es resultado de una investigación realizada entre 2021 y 2024 en la maestría en Enseñanza de la Historia de la Universidad Federal Fluminense, donde salí al campo y produje una metodología de enseñanza de la Educación Escolar Quilombola y Antirracista para la escuela. De esta manera, posibilitar articular las narrativas orales de los ancianos de la comunidad Caveira en el aula, como una forma de contribuir a incrementar la autoestima de los estudiantes y potenciar su historia. El resultado fue un cambio en los planes de los docentes, que hoy buscan contextualizar sus clases y a los estudiantes, que demuestran (re)conocimientos identitarios.

Palabras clave: Sitio web; Educación Escolar Quilombola; Educación antirracista.

QUILOMBO DA CAVEIRA EST SUR: MATÉRIEL ÉDUCATIF ET COLLECTION PUBLIQUE DISPONIBLES SUR LE SITE WEB

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter la création du site Internet « Quilombo da Caveira » comme outil pédagogique pour l'Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, située à Quilombo da Caveira, à São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro. En plus de servir de ressource pédagogique, le site Web fonctionne comme une collection publique pour la communauté, cherchant à donner de la visibilité au protagoniste noir et quilombola de Caveira. Le projet est le résultat de recherches menées entre 2021 et 2024 dans le cadre du master en enseignement de l'histoire de l'Universidade Federal Fluminense, où je suis allé

sur le terrain et j'ai produit une méthodologie pédagogique pour le Quilombola et l'éducation scolaire antiraciste pour l'école. De cette manière, il est possible d'articuler les récits oraux des anciens de la communauté Caveira en classe, comme une manière de contribuer à accroître l'estime de soi des élèves et à responsabiliser leur histoire. Il en résulte un changement dans les projets des enseignants, qui cherchent aujourd'hui à contextualiser leurs cours, et des élèves, qui font preuve de (re)connaissance identitaire.

Mots-clés: site Web; Éducation scolaire Quilombola; Éducation antiraciste.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a criação do *website* "Quilombo da Caveira", hospedado no endereço www.quilombocaveira.com, que surgiu concomitante com a criação do currículo quilombola para a Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, instituição de ensino localizada em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro.

Esse trabalho nasceu de uma observação participante em que eu vivi na prática cada momento de diversos ângulos durante dois anos, inclusive do institucional, dentro da Secretária de Educação, já que exerço a função de Coordenadora de Educação Escolar Quilombola da rede municipal de ensino de São Pedro da Aldeia. Assim, a trajetória deste trabalho se deu entre 2021 e 2023, quando foram realizadas visitas à comunidade da Caveira e entrevistas com seus moradores, e também relatórios para secretaria municipal de educação, formações e reuniões pedagógicas com os professores, projetos, roda de conversa com os alunos e reuniões com os responsáveis.

Conforme eu vivia essa experiência, eu via a falta de material pedagógico para uso na escola. Um material que garantisse que a história da comunidade na qual os alunos estão inseridos fosse contada e que estivesse à disposição de todos.

A partir das conversas com a comunidade, percebi que a marca da identidade quilombola da Caveira é uma história de resistência e de valorização

da terra. Se, no passado, a produção de farinha os unia, agora são as memórias de resistência que fortalecem essa identidade.

Localizado na área rural de São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, mais precisamente na Região dos Lagos, o Quilombo da Caveira é parte de um contexto que abriga outros quilombos. Conforme detalhado no Relatório de Identificação e Conhecimento Territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira (Brasil, 1999), "a comunidade é descendente de negros que já ocupavam essa área antes mesmo da abolição da escravidão, dedicando-se à agricultura e à criação de animais de pequeno porte"².

A certificação como "remanescente das comunidades de quilombo" pela Fundação Cultural Palmares ocorreu em 2004, porém até o presente momento os quilombolas aguardam a titulação de suas terras. O processo histórico de formação desse quilombo se deu no contexto da Pós-abolição, como muitos outros no Brasil, e teve como período de maior conflito os anos de 1950 a 1970, marcados por intensas disputas pela terra.

De acordo com o Relatório (Brasil, 1999), a comunidade foi considerada como "remanescente" das terras desapropriadas da fazenda Campos Novos nos anos 80. O documento salienta os 'laços de sangue' e a origem comum de seus membros e afirma que "a comunidade permanece como um grupo organizado, que constrói seus limites sociais através de uma autodescrição étnica determinada por sua origem comum e formação" (Brasil, 1999). Ou seja,

Trata-se de uma comunidade ligada por laços de parentesco, baseada na descendência comum e em disposições sociais incorporadas a partir de uma experiência histórica de resistência às ameaças externas para garantir a posse de um território e as regras consensuais de sua ocupação. (Brasil, 1999, p. 64)

O reconhecimento da categoria "remanescente das comunidades de quilombo" ocorreu através do Artigo 68 das Disposições Transitórias, instituído

² O Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira e a delimitação das terras ocupadas pela mesma, no município de São Pedro da Aldeia, foi elaborado pelo Grupo Técnico firmado pelo Convênio nº 000/98, publicado no Diário oficial da União em 03 de Julho de 1998, entre a Fundação Cultural Palmares - MinC e o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro - ITERJ, que designaram os seguintes profissionais para os serviços técnicos especializados: Eliane Cantarino, O'Dywer e José Paulo Freire de Carvalho. O Relatório foi publicado no Diário Oficial da União em 10 de março de 1999, Seção I, p. 63.

na Constituição Cidadã de 1988. Através deste marco legal formal, os quilombolas passaram a ter o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas. Conquanto, a comunidade da Caveira, a exemplo da Rasa, em Armação dos Búzios, e muitas outras no estado do Rio de Janeiro, não se originou da fuga de escravizados para fora da sociedade escravista, como no caso clássico do Quilombo dos Palmares. Assim, são as memórias do cativo parte constitutiva da ressemantização do termo “remanescentes de quilombos”. Sobre essa questão, Arruti e Figueiredo (2005) destacam que:

[...] os quilombos Contemporâneos referem-se a grupos que se autointitulam remanescentes de quilombos e apresentam algumas características comuns, tais como: uma organização social específica, com base em laços de solidariedade e parentesco; uma territorialidade caracterizada pelo uso comum da terra; uma origem ou ancestralidade comum; o compartilhamento de uma memória coletiva sobre o histórico de ocupação da terra e da formação do grupo; (re) construída ou em processo de (re)construção, reivindicada por hábitos, rituais e/ou saberes partilhados[...]. (Arruti; Figueiredo, 2005 *Apud* Soares; Maroun; Soares, A., 2022, p. 4)

Em relação à identidade dos quilombolas da Caveira, o Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial (Brasil, 1999) aponta que a identidade que une a comunidade emergiu da ameaça externa à posse do território. A experiência de sofrimento dos seus ancestrais que foram escravizados e a defesa coletiva pela terra gerou um sentimento que foi transmitido de geração em geração. Sobre as identidades, Pesavento (2012, p. 54) aponta que:

[...] Enquanto representação social, a identidade é uma construção social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença [...].

Esses grupos são detentores de culturas específicas, mas elas não são estáticas no tempo. A identidade dos quilombos não está presa ao passado, como também sua cultura pode passar por transformações, como demonstra Fredrik Barth (2005, p.17):

[...] Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas. Logo, argumento aqui que não devemos pensar os materiais culturais como tradições

fixas no tempo que são transmitidas do passado, mas sim como algo que está basicamente em um estado de fluxo.

O município de São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, se destaca por abrigar a primeira escola do estado com o título de Quilombola em seu nome. A construção da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, inaugurada em 28 de maio de 2013, foi fruto de uma parceria entre o município e o governo federal, por meio do programa Brasil Quilombola. No entanto, sua existência é resultado da perseverança e luta dos homens e mulheres do quilombo. Batizada em homenagem a Dona Rosa Geralda da Silveira, uma proeminente líder local, reconhecida por sua atividade como produtora de farinha, poetisa e sindicalista.

Dona Rosa é extremamente relevante para a luta dos quilombolas da Região dos Lagos, uma região composta por tantas comunidades reconhecidas, como Baía Formosa e Rasa, em Armação dos Búzios. Já em Cabo Frio, temos os quilombos de Botafogo, Maria Joaquina, Preto Forro, Fazenda Espírito Santo, Maria Romana e São Jacinto. Em Araruama, encontram-se Sobara e Prodígio.

Para os quilombolas da Caveira, a criação dessa escola representou uma conquista significativa, proporcionando agora o acesso dos filhos e netos aos primeiros anos da educação básica em seu próprio território. Outra conquista da comunidade é garantir a Educação Escolar Quilombola na escola. Visto que pressionada pela Associação de remanescentes do Quilombo da Caveira, a Secretaria Municipal de Educação de São Pedro da Aldeia criou a coordenação de Educação Escolar Quilombola e, através dela, viabilizou formações para os professores e a construção de um currículo diferenciado para a escola. Essa coordenação é composta, desde 2021, pela professora de História Sílvia Rohem e por mim, também professora de História. É desse lugar que eu falo, de quem atuou na construção desse currículo, junto à escola e a comunidade.

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A Educação Escolar Quilombola (EEQ) é uma modalidade de ensino da Educação Básica que se oficializou no Brasil a partir da Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Essa resolução definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012).

As DCN's da educação escolar quilombola, sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff, em 2012, trazem como um dos seus princípios, no parágrafo IX do artigo 7º, a superação do racismo em vários sentidos: institucional, ambiental, alimentar, entre outros. E, de forma contundente, reafirmam a necessidade de eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial.

Segundo o documento (Brasil, 2012), escola quilombola entende-se como aquela que é localizada em território quilombola. A Educação Escolar Quilombola é ofertada nessas escolas e em escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

Art. 9º A Educação Escolar Quilombola compreende:

I - escolas quilombolas;

II - escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

Parágrafo Único Entende-se por escola quilombola aquela localizada em território quilombola. (Brasil, 2012, p. 6-7)

A Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, determinou a necessidade de uma pedagogia própria para essas escolas e, em seu Art.1º, definiu que o ensino ministrado nas instituições educacionais deve se fundamentar considerando os seguintes pontos:

a) memória coletiva; b) línguas reminiscentes; c) marcos civilizatórios; d) práticas culturais; e) tecnologias e formas de produção do trabalho; f) acervos e repertórios orais; g) festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) territorialidade (Brasil, 2012, p. 3).

O projeto político-pedagógico a ser construído para as escolas da Educação Escolar Quilombola deve proporcionar aos estudantes quilombolas e aos demais alunos uma compreensão profunda, ética e contextualizada da realidade dessas comunidades. Este projeto deve estar intrinsecamente ligado à realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica das

comunidades quilombolas, que devem fazer parte dessa construção, bem como a comunidade escolar e as associações de remanescentes das comunidades.

No que diz respeito ao currículo, ele deve ser elaborado com base nos valores e interesses das comunidades quilombolas, alinhando-se aos seus projetos de sociedade e de escola, conforme definidos nos projetos político-pedagógicos. A organização e a prática curricular devem levar em consideração os contextos socioculturais, regionais e territoriais específicos das comunidades quilombolas, respeitando e valorizando suas particularidades e aspirações dentro dos projetos de Educação Escolar Quilombola.

O caminho para essa conquista foi permeado por muitas lutas e contou com debates que vinham ocorrendo sobre a Educação Escolar Indígena e a Educação do Campo. Nos anos 2000, por exemplo, ocorria o movimento nacional "Por uma educação básica do campo", que resultou nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo de 2002.

O movimento "Por uma educação básica do campo" se beneficiou do debate realizado pelos povos indígenas (1980-1990) sobre a formulação de uma política específica de educação escolar que contempla especificidades históricas, sociais, territoriais, linguísticas e religiosas de seus povos. E é o debate da educação escolar vinculada à cultura de povos específicos, com identidades específicas, que o movimento de educação do campo vai reivindicar também uma educação escolar diferenciada para os "povos do campo". (Oliveira, 2013, p. 14)

Os debates realizados pelos povos indígenas nas décadas de 1980 e 1990 foram fundamentais para as conquistas da Educação do Campo. Além disso, trouxeram a discussão da diversidade no sistema educacional e a necessidade de políticas públicas que viabilizassem um ensino que contemplasse as especificidades históricas e culturais desses povos e a valorização de sua identidade. Dessa forma, abriu-se caminho para o debate sobre a Educação Escolar Quilombola:

É nos anos 2000, por sua vez, que o debate sobre quilombos - e com ele, sobre uma série de demandas por direitos sociais, dentre eles, uma educação específica para quilombolas ganha espaço na cena pública, político-governamental e acadêmica. Ou seja, a educação quilombola tornou-se pauta de políticas governamentais, e passou a configurar junto à educação indígena e à educação do campo o

cenário de reconhecimento e disputa por políticas de diversidade na educação. (Oliveira, 2013, p. 14-15)

Também de extrema relevância podemos citar o Movimento Negro Educador, que além dos avanços obtidos na Constituição de 1988, conquistou reconhecimento como o que foi obtido pela Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, em 2004. Documentos esses que trouxeram para o campo educacional a discussão racial, sempre minimizada pelo mito da democracia racial.

A partir da década de 1990, o movimento quilombola, mesmo tendo pautas em comum com o movimento negro, passa a defender uma agenda específica que deve estar a cargo das lideranças quilombolas. O movimento quilombola, mesmo atuante, estava invisibilizado no cenário nacional.

A partir da década de 1990, configura-se uma articulação própria quilombola com contornos nacionais. Em 1995, data emblemática na qual se comemoravam os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, foi realizado, em Brasília, de 17 a 20 de novembro, o 1º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais. Em maio do ano seguinte, foi criada a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), em Bom Jesus da Lapa (BA). Pode-se dizer que, desde a criação dessa instância nacional, esse movimento está em processo de articulação. (Cardoso; Gomes, 2018, p. 7)

Para atender as especificidades do povo quilombola, percebe-se uma busca por autonomia de entidades nacionais como a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), e de entidades estaduais como a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (ACONERUQ) e a Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro – (ACQUILERJ). Esses movimentos têm sido pilares nas lutas e avanços da causa quilombola.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana são uma importante conquista, porém a sua correta implementação depende que as prefeituras tenham políticas públicas para essas comunidades e que as escolas tenham infraestrutura para a sua realização. Além disso, muitos

materiais e projetos desenvolvidos nas escolas ainda reproduzem estereótipos em relação aos quilombolas.

Dito isso, é necessário destacar que cada comunidade precisa de material pedagógico específico que atenda a suas especificidades e respeite a identidade dessa comunidade. É nesse contexto que o *website* busca proporcionar narrativas da e sobre a comunidade da Caveira, utilizando a memória como ferramenta pedagógica para uma aprendizagem significativa.

O WEBSITE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A E. M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira possui um currículo quilombola diferenciado com temas baseados na história de luta e resistência dos quilombolas da Caveira, com o uso de biografias dos anciãos em sala de aula, com as tradições orais e os saberes da comunidade e com documentos importantes que asseguram os direitos das comunidades quilombolas. Esses temas perpassam todos os componentes curriculares e campos de experiência de uma forma interdisciplinar.

A escolha pela construção do *website* como recurso pedagógico para a escola quilombola vem dos relatos dos professores e professoras, de suas dificuldades em planejar aulas sobre a história da comunidade. Segundo eles, é difícil encontrar material para uso em sala de aula.

Ao longo da pesquisa realizada no mestrado em Ensino de História, pela Universidade Federal Fluminense, entre os anos de 2022 a 2024, e do meu trabalho enquanto coordenadora de Educação Escolar Quilombola da escola, encontrei artigos e dissertações sobre Caveira, como também publicações em livros e documentários. Constatei que a dificuldade do corpo docente é transformar o conhecimento produzido em recurso para sala de aula, adaptando o currículo à faixa etária dos alunos. Dessa forma, a compilação de material, planos de aula e atividades no site seria um facilitador para o corpo docente.

Além de sistematizar e compilar fontes sobre o Quilombo da Caveira no site, produzimos vários materiais que podem ser utilizados em todos os componentes curriculares, que nasceram das conversas com as professoras que relataram dificuldade em planejar aulas sobre determinados temas. Uma professora, certa vez, me procurou porque não sabia como poderia planejar uma aula sobre quilombos. Muitas têm insegurança sobre qual material utilizar. Dessa angústia da professora surgiu um dos textos que disponibilizei no site para uso em sala de aula.

É importante destacar que poucas são as professoras quilombolas na escola. Hoje, apenas duas professoras são do Quilombo da Caveira e outra é de um quilombo de Cabo Frio, quilombo Maria Romana. Dessa forma, existe um desconhecimento por parte do corpo docente da história local e, às vezes, o não entendimento da questão identitária da comunidade.

Outro problema é a não continuidade do corpo docente, já que vários professores são contratados em regime de designação temporária, inclusive professores quilombolas que nem sempre conseguem a renovação do contrato. Todo ano, a escola recebe profissionais que não conhecem a proposta da escola, nem a história do quilombo. Isso também ocorre com os orientadores educacionais e supervisores escolares, que são lotados na Secretaria de Educação e, todo ano, fazem sua escolha de escola.

De acordo com as DCNs para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012), a admissão dos professores deve ser realizada por meio de concurso público, conforme determina a Constituição em seu art. 37, inciso II. Nesse processo, as provas e títulos podem valorizar conhecimentos profissionais e técnicos específicos necessários para a atuação na Educação Escolar Quilombola, respeitando a natureza e a complexidade do cargo ou emprego. As DCNs também enfatizam que essa modalidade de ensino deve ser conduzida, preferencialmente, por professores que pertençam às comunidades quilombolas.

Apesar de todos os desafios, elaborar um material pedagógico, a meu ver, é oportunizar para alunos e alunas o conhecimento da história local e a

história do Brasil a partir das pessoas que a construíram. Essa seria uma ferramenta de Educação Antirracista, aliando e articulando as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira junto à sala de aula, como forma de contribuir para o aumento da autoestima dos alunos e apoderamento de sua história.

O *website*, além de servir como recurso pedagógico para professores na elaboração de suas aulas, também é um acervo público da e para a comunidade, com o objetivo de oferecer visibilidade ao protagonismo negro e quilombola da Caveira. É reconhecer o direito de que elas tenham a sua história nos currículos, sobretudo, nas escolas das comunidades às quais elas pertencem.

A construção de um material pedagógico justifica-se pela preocupação dos quilombolas com a preservação de sua luta, legado e educação de seus filhos e netos, além de ser uma reparação histórica. Com base nessa preocupação e através das reuniões com a Associação de remanescentes do Quilombo da Caveira, das pesquisas de campo e das reuniões pedagógicas com os professores(as) que a proposta curricular foi sendo construída sustentada nos saberes da comunidade. Tais saberes são conhecimentos que os identificam e são passados de geração em geração. Essa construção cooperativa foi fundamental, já que não se faz educação escolar quilombola sem a comunidade quilombola.

Na busca por construir esse currículo diferenciado que de fato atendesse aos anseios da comunidade, escutá-la era uma necessidade: a ideia de escuta sensível que Alessandro Portelli defende em sua obra “História oral como arte da escuta” (2016). O currículo diferenciado que os quilombolas almejam não pode ser um apanhado de conteúdos que a unidade escolar ou a Secretaria de Educação considere melhor, mas sim os que fazem sentido para esta comunidade; como afirma Portelli (2016) “a história oral é primordialmente uma arte de escuta e toda escuta envolve respeito”.

Marta Rovai (2020) chama atenção para a construção de comunidades de escuta e aborda a importância “das narrativas dos chamados “historiadores

locais”, sem negligenciá-los ou estabelecer hierarquias, num encontro de saberes que deve permitir, humilde e coletivamente, a democratização do fazer histórico e historiográfico” (ROVAI, 2020, p. 141). A pesquisadora usa o termo “desencastelar” e desafia os historiadores a reverem suas posturas, ela afirma que:

O desafio que se coloca é o de nos propormos não mais a “traduzir” a história a um público passivo, tratado apenas como audiência, mas nos relacionarmos com o mundo de forma humilde e politizada, levando em conta a necessidade de escuta e interação com outras narrativas e saberes. (Rovai, 2020, p. 133)

Apesar dos avanços do debate sobre o predomínio da História única na Educação, ainda vemos materiais e projetos nas escolas que naturalizam a marginalização da população negra, especialmente depois da abolição. A história do povo negro no Brasil, muitas vezes, ainda é sintetizada de uma forma homogeneizada, não sendo analisadas as especificidades dessa história, como se, na época da abolição e no seu momento posterior, todos vivessem da mesma forma e tivessem tido o mesmo destino, marcado por marginalização e passividade.

Nesse sentido, a proposta ao criar o site é articular as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) com o ensino de História como uma possibilidade de colocar a tecnologia de comunicação a serviço de tornar visível e acessível a história do Quilombo da Caveira para docentes, discentes e toda comunidade escolar, como também para fora dos muros da escola e até mesmo do quilombo.

Verena Alberti (2012), em “Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais”, ressalta a importância do uso das TDICs, porém chama atenção que por si só elas não garantem a aprendizagem. Outro ponto de destaque é a relevância do estudo das fontes pelos alunos.

Alberti (2012) nos diz que a vantagem das TDICs está “no fato de tornarem possível disponibilizar um grande número de documentos, em diferentes formatos, como textos, filmes, arquivos de áudio e imagens [...]”, e afirma, ainda, que:

[...] Para garantir que determinada página na internet seja usada, é aconselhável que o material oferecido seja efetivamente necessário para professores e alunos. A ideia não é disponibilizar mais uma página que o professor provavelmente salvará entre seus 'Favoritos' sem retornar a ela depois. Por isso, é preciso que o conteúdo e as atividades oferecidas sejam relevantes do ponto de vista do currículo escolar e ofereçam oportunidades de aplicação em sala e de trabalho de casa, entre outras. (Alberti, 2012, p. 66)

Outra reflexão importante é o uso de recursos digitais no Ensino de História como ferramenta de uma Educação antirracista. É importante salientar, como demonstra Silva (2021), no capítulo "Letramento histórico-digital e o ensino de História", que a produção de narrativas com sentido histórico deve ser priorizada quando se usa recursos digitais. As ferramentas digitais devem estar a serviço do ensino de história e não o contrário. Pensando numa perspectiva de Educação Democrática, é imprescindível a participação de todos e todas, já que a comunidade escolar faz parte do processo de aprendizagem.

Keila Grinberg e Anita Almeida (2012), em "Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet", ressaltam que, apesar da ampla utilização da internet como acervo de documentos digitalizados, ainda é modesto o seu uso como ferramenta de ensino de História. As reflexões sobre ensino de História ainda são muito restritas ao espaço acadêmico.

A Intencionalidade ao produzir materiais e disponibilizá-los no *website* nunca foi a de fornecer a "receita de bolo" de uma educação escolar quilombola e antirracista. Pelo contrário, nas formações ministradas e em todo material produzido, a intenção foi sempre a de que os professores e professoras pudessem "caminhar com suas próprias pernas". Ou seja, o objetivo sempre foi o Letramento Racial e que eles compreendessem quais estratégias poderiam ser utilizadas em sala de aula e, a partir daí, criar seus próprios materiais.

O resultado já é visível na escola. Se, antes, muitas professoras achavam difícil conciliar a Educação Escolar Quilombola com o ensino formal institucionalizado, hoje algumas já compreendem que não são conhecimentos à parte, mas que devem estar intrínsecos a este conteúdo. Nesta tarefa, a estratégia mais usada foi o uso de biografias.

A aprendizagem narrativa é um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção contínua de uma narrativa de vida ou de identidade (Goodson, 2007, p. 248). A busca por esse tipo de aprendizagem seria uma forma de aproximar o que é ensinado à realidade dos alunos e alunas e fazer com que eles se sintam mais atraídos pela escola, fazendo que o aprendizado faça sentido e tenha relação com a história de vida desses estudantes. Um material pedagógico baseado nas memórias dos quilombolas da Caveira seria uma possibilidade diante das limitações dos livros didáticos que acabam atendendo a uma lógica do mercado editorial e de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2015) homogeneizadora.

Trazer as experiências de vida da comunidade para sala de aula através dos relatos de luta pela terra, do papel das mulheres, da produção de alimentos e uso das ervas de forma terapêutica, não significa renunciar aos saberes formais necessários aos alunos, aos quais a maioria deles só tem acesso na escola. O conhecimento especializado oferecido pelas escolas e que Michael Young (2007) chama de conhecimento poderoso também é extremamente importante e emancipatório para os alunos.

A professora quilombola e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Brasília (UNB), Givânia Maria da Silva, chama atenção, em seu livro "Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas" (2016), para o fato de que a identidade é formada ao longo do tempo a partir de processos sociais. Dessa forma, a autora traz reflexões sobre a educação formal e informal mais conectadas com a identidade da comunidade. Nas palavras da professora:

Não estou advogando uma educação apenas focada nas questões quilombolas; ao contrário, proponho que seja ampla o suficiente para também refletir sobre as histórias, lutas e a identidade dos quilombos de forma afirmativa, na perspectiva de fortalecer a identidade desses grupos, gerando a possibilidade de fazer uma releitura da história do Brasil. (Silva, 2016, p. 51)

A escolha do material postado no site teve a intencionalidade de atender aos eixos temáticos que são trabalhados na escola. Eixos esses sugeridos pela Coordenação Quilombola da Secretaria Municipal de Educação, alinhados com

a equipe de assessoramento da escola e aprovados pelos professores nas reuniões de discussão do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Dessa forma, tiramos o excesso de datas comemorativas e trabalhamos tudo em conjunto. Os temas estão dispostos da seguinte forma no calendário da escola:

1º Trimestre: A representatividade das mulheres quilombolas de Caveira;

2º Trimestre: Meio Ambiente e o uso da terra;

3º Trimestre: Cultura, identidade e cidadania.

Pensando na funcionalidade para os professores e professoras e o que também seria de utilidade para a comunidade quilombola da Caveira, dividi o site em seções principais e dentro dessas seções existem as subseções. Essas seções são: Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, Acervo, Legislação e links importantes.

Dentro da seção E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, coloquei subseções que são: Material Pedagógico, Plano de aula, Atividades, Projetos e Eventos. Na seção Acervo, as subseções são: biografias, artigos e dissertações, fotos e vídeos. Nas seções legislação e links importantes não existem subseções.

Para facilitar a visualização dessas informações, dispus na página principal os links de menu, ou seja, em que parte o visitante pode encontrar o que busca; sendo essa a disposição:

Figura 1 - Print da página do website.

Fonte: Website Quilombo da Caveira, 2024.

Abaixo da exposição desse menu de links que direcionam para as seções e subseções está uma parte importante do site que são os documentários. Ao clicar no ícone do documentário, o visitante é direcionado a página do *Youtube* do canal de origem.

O primeiro documentário disponibilizado no site foi um corte realizado por mim de um vídeo postado no *Youtube* da professora de biologia Elizabeth Franco, em 4 de março de 2017. Esse documentário de memórias de São Pedro da Aldeia foi uma parceria entre a prefeitura de São Pedro da Aldeia-RJ e a Emater-RJ (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). O corte foi feito para facilitar a utilização em sala de aula e nele há o depoimento de Dona Rosa Geralda da Silveira. O vídeo está postado no canal do *Youtube* Educação Antirracista, onde posto vídeos sobre a temática fora do site. O *website* Quilombo da Caveira apenas direciona para os respectivos canais nos quais os vídeos estão hospedados.

Em seguida, está o documentário *Rosa do Quilombo*, de direção de Carolina Maduro, gravado em março de 2022, que é um retorno para a comunidade da pesquisa realizada por Antônio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ), Kalyla Maroun (UFRJ) e David Gonçalves Soares (UFF). Considero o

documentário um importante produto para a comunidade e uma excelente ferramenta para uso da escola. Além das entrevistas com quilombolas, traz depoimentos dos funcionários da escola local e opiniões de especialistas em Educação Escolar Quilombola e Antropologia. Não menos importante, foram as denúncias do descaso do poder público para com a escola da comunidade.

O curta-documental *Rosa*, sob direção de Anna Fernanda, realizado por *En La Barca Jornadas Teatrais*, conta a história de vida de Dona Rosa. O curta alia trechos de depoimentos de Dona Rosa com os da Professora Dra. Gessiane Nazário, falando sobre a Fazenda Campos Novos e o Quilombo da Caveira, com dramaturgia de atores.

O documentário *A Conquista*, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é um produto coletivo dos alunos da oficina de audiovisual, realizada no quilombo, de 28 de outubro a 8 de novembro de 2013. O documentário traz os depoimentos de vários moradores sobre Dona Rosa e a história de resistência da comunidade. Um dos momentos da vida de Dona Rosa, que narra quando ela foi intimada a comparecer à delegacia. Junto com ela, foram os moradores da Caveira e de Campos Novos, que ficaram aguardando na praça em frente à delegacia. Lá havia um documento pronto para que ela assinasse desistindo da terra. Ela se recusou. O curta aborda também a resistência das mulheres da comunidade com Dona Rosa, que não aceitavam e olhavam com desconfiança. Além de Dona Rosa se reunir com os maridos das mulheres, ela ingressou no mercado de trabalho ao ir à feira vender sua farinha, algo que não era bem-visto, e entrou para o sindicato. Com o tempo, outras mulheres, percebendo que precisavam ajudar seus maridos, também passaram a trabalhar na feira.

O vídeo *Memória camponesa* foi gravado nos dias 18 e 19 de outubro de 2004, no auditório Evaristo de Moraes, no IFCS/UFRJ. O evento contou com lideranças camponesas do estado do Rio de Janeiro, entre elas Dona Rosa. Nesse vídeo, ela conta detalhes de quando ela despertou para a luta rural, ainda criança. Na época, seu pai tinha que fazer o roçado, tirar lenha para o patrão e depois plantar milho, feijão e outras plantas brancas. Ela relata que numa

dessas vezes que ele plantou milho e junto com seus filhos limpou todo o capim do milho, deu uma forte chuva. No dia seguinte, tiveram que plantar capim para o boi do patrão dentro do milho que haviam terminado de limpar no dia anterior. Rosa resolveu que não plantaria capim e disse isso a suas irmãs. Seu pai, um homem carinhoso, que nunca havia batido nos filhos, ameaçou lhe dar uma surra, caso não plantasse capim. Ela disse que levaria a surra, mas não plantaria capim e, enquanto suas irmãs plantavam, Rosa os arrancava. Seu pai, ao ver a cena, pegou a enxada e suas ferramentas e chamou as filhas para irem embora. Ele disse que Rosa o havia dado uma lição e que nunca mais plantaria capim na roça de fazendeiro. Essa foi a primeira vitória de Dona Rosa, que depois desse episódio nunca mais parou de lutar.

Na seção “E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira”, o foco do *website* é a escola quilombola, na forma de material pedagógico, planos de aula das professoras, atividades e projetos da unidade escolar. Nela, coloquei o samba-enredo da escola de samba Paz e Harmonia, de Cabo Frio.

O resgate de suas tradições orais é um exemplo de como a memória pode ser utilizada na construção de material pedagógico para a escola, como fez a professora quilombola Gisele Dutra, ao relatar tradições como: A vaca que colocava leite em pó, o susto do coelho, a enxada e outras. Histórias ouvidas do seu avô paterno Simeão Dutra. Hoje, essas tradições estão escritas e disponibilizadas no *website* e são utilizadas pelas professoras e professores, em sala de aula.

Ainda na seção “Material Pedagógico”, consta o caldo quilombola, um prato criado por Claudineia dos Santos e que faz parte do livro “Cozinha dos Quilombos”. Outra fonte muito utilizada pelos professores(as) são as tradições orais da comunidade. Não menos importantes são o alfabeto quilombola e o calendário quilombola.

As atividades da subseção “Atividades e os textos: suportes para uso em sala de aula” foram criadas por mim diante das demandas apresentadas pelos professores. Já os planos de aula foram produzidos pelas professoras da escola em diálogo com o trabalho já desenvolvido.

A seção “Acervo” traz alguns documentos importantes, como a certidão de autorreconhecimento, e, na seção “Legislação”, leis importantes para a Educação Quilombola e o Ensino das relações étnico-raciais.

A seção “Biografia” contém as histórias de Dona Rosa Geralda da Silveira, Senhor João dos Santos e Dona Almerinda Eulália Conceição dos Santos, feitas por outros pesquisadores. Já as biografias de Jaqueline Emília Pereira Teixeira, Maria das Graças dos Santos, Sara dos Santos e Wagner Muniz foram feitas por mim, em entrevista por meio do aplicativo *Whatsapp*.

A ideia foi reunir trajetórias de vida de quilombolas de várias gerações, inclusive a da professora Jaqueline Emília, que, apesar de não ter nascido na comunidade, casou-se com um quilombola e teve filhos com ele. Além disso, é uma defensora do resgate da história dos quilombos de Botafogo (Cabo Frio) e da Caveira (São Pedro da Aldeia). Ela é militante do movimento negro e recebe muitos pesquisadores em sua casa, inclusive foi através dela que tive acesso a vários anciãos. No censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022, os quilombolas foram inseridos pela primeira vez através das perguntas: Você se considera quilombola? Qual o nome da sua comunidade? Jaqueline se autodeclarou quilombola pelo seu sentimento de pertencimento à comunidade que vive e pela família que construiu.

Considero muito relevante as biografias de Wagner Muniz e Sara dos Santos, dois jovens universitários com um forte orgulho de ser quilombola. Esses jovens mostram que as lutas continuam com novas “armas” e que ainda há muito o que conquistar.

O uso de biografias é uma excelente ferramenta pedagógica para o ensino de história, ao dar nome e rosto a histórias que se contextualizam com a história local e do Brasil. Os estudos historiográficos no passado não favoreciam essas pesquisas, já que a história cultural era desvalorizada e os relatos individuais, as fontes orais e as biografias eram vistas com desconfiança pelos historiadores tradicionais. Duvidava-se da capacidade do uso das narrativas de vida para análise de uma coletividade.

A partir dos anos 1980, houve um resgate e uma valorização das memórias individuais e o uso da biografia para traçar trajetórias que, até então, ficaram à margem da História vista de cima. Nessa perspectiva, as biografias, além de ajudarem a entender o contexto histórico em que a pessoa está inserida, dão nome e rosto a essa história.

Optei por priorizar no site biografias de mulheres, eixo temático do 1º trimestre da escola quilombola. O crescimento da história social também colaborou para que as mulheres tivessem suas histórias mais valorizadas, como afirma Scott (1992), no capítulo sobre a história das Mulheres,

A existência do campo relativamente novo da história social proporcionou um importante veículo para a história das mulheres; a associação de um novo tópico com um novo conjunto de abordagens enfatizou a reivindicação da importância, ou pelo menos, a legitimidade do estudo das mulheres. Apelando para algumas pré-concepções disciplinares sobre a análise científica desinteressada, ele, não obstante, pluralizou os objetos de investigação histórica, admitindo a grupos sociais como camponeses, operários, professores e escravos uma condição de sujeitos históricos [...] (Scott, 1992, p. 81).

É também na perspectiva da valorização da história das mulheres que é relevante analisar a história do Quilombo da Caveira, a partir da atuação de mulheres como Dona Rosa, que por causa de sua luta sindical foi perseguida nos anos de ditadura civil-militar e virou símbolo do quilombo. Além da perseguição política, sofreu o machismo de uma sociedade patriarcal e a desconfiança dos moradores da própria comunidade.

Na página inicial do site, o visitante pode ler um dos poemas de Dona Rosa:

A luta rural
nunca se encerra
com a terra sem o homem
com o homem sem terra
nós vamos à luta
com esse refrão
queremos a terra
para os nossos irmãos.

(Dona Rosa Geralda da Silveira)

Além de D. Rosa, outras mulheres desempenhavam importante papel na comunidade da Caveira, não apenas em relação à luta pela terra, mas também

como símbolo de afeto e perseverança. A resignificação do termo quilombo vem também acompanhada de uma valorização da atuação feminina nessas comunidades, o que antes era identificado numa perspectiva masculina.

Historicamente, até o início da década de 1990, a palavra "quilombo", atávica à experiência de Palmares, era identificada como um ato de resistência pensado nos termos da cultura masculina (guerra, violência, virilidade). Falar de quilombo significava tratar dos heróicos atos de homens como Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, Manoel Congo, entre outros. Em 1988, quando se estabeleceu na Constituição Federal o direito territorial dos chamados "remanescentes das comunidades de quilombos", a resistência quilombola era pensada, com raras exceções, por meio de uma perspectiva masculina e bélica. (Almeida, 2022, p. 30)

Na ótica da crítica a um modelo de educação eurocêntrico, cabe também refletir sobre a herança patriarcal de nossa sociedade, marcada por um grande sexismo mascarado pela ideia de manutenção da "família tradicional", na qual as mulheres são o tempo todo subjugadas. A própria D. Rosa precisou enfrentar o machismo dos homens e a reprodução desse machismo por mulheres, para que pudesse desenvolver suas atividades, tidas como masculinas.

As mulheres da Caveira, em suas trajetórias, também representam a resistência, palavra que aparece frequentemente nos relatos. Independente das atividades exercidas (líder sindical, agricultora, dona de casa, artesã, comerciante, entre outras), essas mulheres são lembradas e referenciadas pela comunidade.

Bell Hooks (2017), em seu livro "Ensinando a Transgredir", ressalta a importância do uso das experiências como conhecimentos válidos no processo de aprendizado. Se as narrativas de vida dessas mulheres são reconhecidas pela comunidade, devem ser utilizadas como estratégias pedagógicas para a prática de uma Educação de empoderamento, além de uma educação antirracista e antissexista, ou seja, uma educação crítico-cidadã.

As biografias disponibilizadas no site já têm sido utilizadas pelas professoras em suas aulas, como por exemplo, pelas professoras quilombolas Maria das Graças dos Santos e Gisele Dutra, que as utilizaram em suas avaliações do 3º trimestre.

O uso desse material contido no site já demonstra um avanço e uma compreensão por parte das professoras de que um saber não precisa substituir outro. Digo isso, porque muitas falam que se forem trabalhar a história da comunidade não vão dar conta do ensino de Língua Portuguesa e de Matemática. Nesses anos, tem sido um desafio mostrar que, ao contextualizar as atividades, elas já contemplam a realidade histórica, social, cultural e econômica da comunidade.

Ao analisar os planejamentos semanalmente, constatei um excesso e repetição de fábulas, quando poderiam usar histórias reais e locais para atingirem o mesmo objetivo. Ver as professoras diversificando seu repertório é um sinal de mudança. A própria professora Maria das Graças dos Santos, que explorava pouco a história local, agora se apropria da história de sua família, trabalhando em sala de aula a biografia do seu pai.

Na seção “Links importantes”, os visitantes poderão ter acesso às páginas do *Instagram* da nossa coordenação de Educação Escolar Quilombola e o da escola. Também estão expostos o *Facebook* da escola, da Acquilerj e o site da Conaq e Koinonia. Considerei importante disponibilizar os links do *Youtube* das aulas do I e II Curso de Formação para Professoras e Professores Quilombolas, da Conaq, para ajudar a publicizar essa importante ferramenta.

Figura 2 - Subseção do I Curso de Formação de professoras e professores quilombolas.



Fonte: Website Quilombo da Caveira, 2024.

Mesmo após a conclusão do mestrado, que foi defendido no dia 03 de abril de 2024, o site continua sendo alimentado com material e, recentemente, foi contemplado com o selo “saberes históricos”. O selo reconhece práticas de divulgação de saberes ou produções de conteúdos historiográficos que reforçam os princípios éticos da disciplina da História e os valores democráticos da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do debate sobre “a história única” parecer que já foi ultrapassado diante de uma gama de trabalhos acadêmicos e de materiais pedagógicos produzidos, ainda é um desafio a sua utilização e as estratégias que as escolas escolhem para trabalhar a questão étnico-racial.

No município de São Pedro da Aldeia, vemos, há anos, uma única história sendo contada e valorizada através dos seus patrimônios históricos. Esses patrimônios homenageiam os colonizadores. Indígenas, pescadores, salineiros e quilombolas são invisibilizados na arquitetura da cidade que exalta os resquícios da presença do europeu e da Igreja Católica. Muitas vezes eu me pergunto: onde estão essas pessoas? É lamentável que muitos munícipes e educadores da rede sequer saibam da existência de uma comunidade quilombola no município.

A Educação Quilombola é primordial para o fortalecimento das comunidades e para o seu exercício de direito. Então podemos concluir que o apagamento dessas várias histórias pode ser também considerado um projeto político de dominação de minorias e até de extermínio, em muitos casos.

É importante garantir através do Ensino de História a valorização da memória coletiva e a trajetória de luta pela terra dessa comunidade. O direito de conhecer sua história é uma questão de (re)conhecimento e também de cidadania.

Diante da falta de materiais pedagógicos para a Educação Escolar Quilombola da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, elaborei o *website* www.quilombocaveira.com, utilizando como uma das principais estratégias o uso de biografias de personalidades do Quilombo da Caveira. O *website* é uma forma de atingir um número maior de pessoas e democratizar o acesso às informações.

A Educação escolar quilombola é uma categoria recente e em disputa. Os municípios têm o dever de reconhecer o direito dessas comunidades a essa Educação e criar políticas públicas para que de fato ela aconteça, nem que para isso as comunidades precisem judicializar a questão. É direito à dignidade. É reparação histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais*. **Revista História**. Hoje, v. 1, nº 1, p. 61-88, 2012.

ALMEIDA, Mariléa de. ***Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas***. São Paulo: Elefante, 2022

ARRUTI, J. M. P. A; FIGUEIREDO, A. V. de. *Processos cruzados: configurações da questão quilombola e o campo jurídico no Rio de Janeiro*. **Boletim Informativo NUER**, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2005, p. 77-94.

BARTH, Fredrik. ***Etnicidade e o Conceito de Cultura***. Niterói, n.19, p. 15-30, 2. sem. 2005.

BRASIL. **Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira**. Diário Oficial da União. Seção I, p. 63, 10 de março de 1999.

BRASIL. ***Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola***. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRASIL. ***Base Nacional Comum Curricular***. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APR E SENTACAO.pdf>. Acesso em: 02 mar. de 2024.

CARDOSO, Lourenço; GOMES, Lilian. *Movimento negro e movimento quilombola: para uma teoria da tradução*. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 10(26), 153–171. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/644>

GOODSON, Ivor. *Currículo, narrativa e o futuro social*. **Revista Brasileira de Educação** v. 12, n. 35 maio/ago. 2007.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 1, 2012, p. 315-326.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

OLIVEIRA, Suely Noronha. **Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional**. Dissertação (mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Pública: um desafio democrático aos historiadores**. In: Coleção História do Tempo Presente: volume 2 / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SCOOT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.); tradução de Magda Lopes. A escrita da história: novas perspectivas. 7ª ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

SILVA, Danilo Alves da. In: Fronza, Marcelo. **Ensino de História e internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paraná Editora, 2021.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2016.

YOUNG, MICHAEL. *Para que servem as escolas?* **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n.101, p.1287-1302,set./dez.2007.